

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e O POVO se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Home office

Mario Diego Dantas
mariodiegodantas123@gmail.com

A segunda-feira foi diferente. Trabalhei em casa. Liguei o mesmo computador e fiz o mesmo trabalho.

Não enfrentei a chuva da manhã, o trânsito caótico, buzina de carro, motorista estressado, semáforos quebrados, buracos na pista ou o risco de bater o carro, sofrer um acidente. Também não poluí o ambiente.

Trabalhei sob o cantar dos pássaros. Uma sinfonia. Silêncio e concentração. No presencial, haveria barulho de conversas, ruído ensurdecido do ar condicionado. Caos.

Naquela manhã, o sol apareceu, anunciando a alegria de trabalhar com a luz clara, natural e viva. Até li, em algum estudo científico, que o contato com a luz solar faz bem todo o sistema do corpo.

Totalmente diferente da luz artificial, forte, invariável, triste, deprimente e fria das lâmpadas do local de trabalho. Sem janelas, contato com o externo: só paredes, tetos e a luz artificial do ambiente fechado.

No “home office”, a ventilação natural soprava o quarto. No presencial, ou era muito frio, um iglu, ou era extremamente quente. Isso por conta das intermináveis guerras e gritos pela temperatura do ar-condicionado. Seguimos reféns, 8 horas por dia, fazendo o mesmo que faríamos em casa.

Naquela segunda, vesti roupas leves. No presencial, calça, camisa, sapato apertando o pé por 8 horas. Que saudades meus queridos pés estavam de uma chinela, em casa, o dia inteiro. No fim do expediente, às cinco e um, eu estava em casa. Lanchar, treinar, descansar. Viver.

No presencial, uma guerra no trânsito, quilômetros de engarrafamento, estresse, poluição sonora, visual e ambiental para chegar em casa. Perderia uma hora, por fazer o mesmo que faria em casa. Não tem sentido.

Sigo, aqui, às cinco e oito, concluindo este texto, pós-home office. No presencial, estaria no mesmo do quarteirão, no trânsito.

O constrangimento liberal no Brasil

João Batista M. Prates
joao.batista@unifesp.br

A fauna política majoritária do Brasil talvez seja a mais contraditória e caricata do mundo. Temos, de um lado, liberais-sociais que vestem vermelho e agitam a retórica do socialismo enquanto administram a macroeconomia liberal com compensações sociais vendendo-as como revolucionárias. De outro, temos conservadores nos costumes, pseudo-nacionalistas, que são igualmente liberais em economia e criticam até mesmo as compensações mínimas que os seus meio-irmãos desejam oferecer.

Presenciamos, contudo, o potencial renascimento da direita anti-liberal entre nós, a partir da eleição de Trump e da política econômica antiliberal adotada pelos EUA. Trump assassina Paulo Guedes a cada dia de seu governo, e vai ficando cada vez mais constrangedora a filiação

liberal-entreguista justamente entre aqueles que adoram os EUA e o Trump, agitam bandeiras do Brasil e falam em nacionalismo. Por uma ironia tremenda, é justamente esta filiação a Trump e aos EUA que pode funcionar, no Brasil, como a alavanca capaz de mudar tudo e subverter a hegemonia liberal entre nós.

A cada dia que passa Enéas Carneiro vai despertando do seu sono profundo, embalsamado no seio do bolsonarismo como um vírus que se multiplica, sob o exemplo chocante de Donald Trump: não há nacionalismo verídico sem nacionalismo econômico, sem protecionismo dos agentes econômicos nacionais. Desgraçadamente, falta o Político no Brasil que será capaz de reivindicar o conservadorismo de costumes e o antiliberalismo econômico de Enéas Carneiro, fazendo com que as contradições maduras explorem para fora do quadro instável e contraditório do bolsonarismo.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Amor de filho

Rejane Martins
Estudante

O amor de um filho é raiz que firma o chão, é semente que brota no mais íntimo do coração.

É olhar que ilumina sem pedir nada em troca, é abraço que cura, é presença que nunca se desloca.

É silêncio que fala, é riso que acalma, é o laço invisível que embala a alma.

Não há tempo, distância ou condição que desfaça o que nasce dessa conexão.

O amor de um filho transforma quem somos, ensina paciência, resgata valores, move mundos.

É espelho do que ofertamos com gestos diários, é eterno aprendizado entre erros e cenários.

Mesmo quando o tempo insiste em correr, e os caminhos tendem a se distanciar, o amor de um filho continua a florescer, num elo que o tempo não pode apagar.

É porto seguro, é casa, é raiz, é o sopro mais puro que a vida diz.

Quem sente esse amor já sabe o sentido: é no amor de um filho que habita o infinito.

Claros verdes campos

Laís Escrita
Estudante

A vida no campo pulsa em outro ritmo, onde o tempo é guiado pelo nascer do sol e pelas estações do ano. Ali, o silêncio tem som, o vento tem cheiro e cada dia traz um aprendizado com a terra. A simplicidade reina nas rotinas, e o trabalho árduo se mistura ao prazer de ver a colheita brotar. No campo, as relações ganham profundidade, e a natureza ensina sobre respeito, paciência e equilíbrio. Longe da agitação urbana, a vida rural oferece conexão genuína com o essencial: o alimento que se planta, o céu que se observa, os animais que compartilham o espaço. É um estilo de vida que valoriza o que realmente importa.

Além disso, o campo guarda tradições que atravessam gerações — saberes populares, festas sazonais, culinária feita no fogão a lenha e histórias contadas à luz da lua. É um lugar onde o passado dialoga com o presente, preservando identidades culturais e modos de vida que resistem ao tempo.

CARLUS CAMPOS



FL

Anahí Gabriella
Ex-Correspondente O POVO

Eu já não ouço a sua voz rouca, já não vejo o seu sorriso cínico e os seus olhos vazios já não me são uma ameaça. Reaprendi a andar e a reconhecer em minhas entranhas o seu veneno e o meu mel, que como água e óleo não se misturam. Você é a matriz de uma grande parte do meu caos. O seu ser caótico e egóico foi perverso, mas não o suficiente para ser a minha ruína, ainda que eu tenha vindo a ruir. E sim, deixei as minhas verdades para entrar nas suas ao som de sua voz, que soava como uma melodia alucinógena. Resolutamente fui ao meu íntimo para molhar- no com o antídoto de combate à você: eu. Eu sou a minha própria cura, o meu antídoto para todos os meus males, a minha própria heroína. Não, não vou dizer que os seus rastros não estão mais aqui porque estão. Mas os meus passos estão fazendo de seus rastros as minhas cicatrizes de guerra. Você é

uma história ruim que acabou em poesia porque eu sou mais poema do que mulher. E é claro que isso vai soar pouco verídico para você já que esteve por tanto tempo no controle ou achou que estivesse. A verdade é que o controle sempre esteve comigo, ninguém além de mim carrega algo tão poderoso que seja capaz de me reduzir à um montante de fragilidades, incertezas e ao fim. Você só foi a minha laranja por um tempo. Uma laranja podre para ser honesta. Esse texto é não para dizer-te que as suas mãos perderam força e a minha alma, tampouco para pedir-me perdão por ter aceitado tão menos do que mereço, por ter tido tão pouco cuidado comigo ao aceitar você. Não, não. Esse texto é para me dizer que eu me perdo, para dizer-te que 133 o seu veneno já não me envenena. E que o cálice do meu sabor de vida é vívido, transbordando até inundar. Além de verdade, eu sou inundo! E não há nada de errado em ser enchente ao invés de garoa.

A minha lua cheia

Jennifer Cruz
Estudante

Nas noites de lua cheia, o céu se transforma em um grande palco prateado. A luz intensa da lua ilumina caminhos, revela silhuetas e inspira silêncios. É quando o mundo parece desacelerar, e até o tempo ganha um brilho diferente. Antigas lendas e sentimentos esquecidos despertam sob sua luz, convidando à contemplação, ao mistério e à poesia. Seja à beira-mar, no sertão ou entre arranha-céus, a lua cheia carrega uma força ancestral — um chamado sereno que toca o íntimo de quem se permite olhar para o alto. A minha lua cheia me enche de esperança ao contemplar sua imagem no espelho suave de um lago encantado.



A luz intensa da lua ilumina caminhos, revela silhuetas e inspira silêncios

Fortaleza de obstáculos

Veronica Larissa
Estudante

A falta de acessibilidade em Fortaleza é um desafio persistente que compromete a mobilidade e a dignidade de milhares de cidadãos. Calçadas irregulares, desníveis, obstáculos como postes e mobiliário urbano mal posicionados dificultam o deslocamento de pessoas com deficiência, idosos e outros com mobilidade reduzida. O Centro da cidade é apontado como um dos bairros menos acessíveis, com obras inacabadas e calçadas altas que representam riscos constantes. Embora iniciativas como o Plano Municipal de Acessibilidade e a Operação Calçada Acessível busquem melhorar a situação, a fiscalização ainda é insuficiente, e muitos proprietários não cumprem as normas estabelecidas.